

EVANGELIZAÇÃO DA PENÍNSULA E SEUS PRIMEIROS EVANGELIZADORES

POR JOSÉ MANUEL LANDEIRO

PENÍNSULA IBÉRICA — OS IBEROS

A Península formada por Portugal e a Espanha chama-se, desde longa data Ibérica, por terem sido os seus primeiros habitantes os Iberos.

Mas quem eram os iberos e o que era a Ibéria? — É pergunta que formulámos, mas que achamos de difícil resposta, por não haver dados positivos que nos ilucidem. Há somente sugestões ou hipóteses nas quais os escritores se baseiam para nos responderem a esta pergunta.

Os Iberos não eram mais que um ramo ou elemento da estirpe *oestrymnia* dos Cónios que penetraram no Sul da França, criando um domínio extenso, compreendido entre o Ibero (Ebro) e o Ródano, abrangendo a Catalunha e uma grande parte da Aquitânia.

Estrabão e outros historiadores mais antigos dão o Ródano como limite da Ibéria.

A Catalunha, o Sul da França e as Costas do Mediterrâneo constituíram uma única étnica que os Pirenéus não separavam.

O elemento unificador eram os Cónios iberos, designadamente *Igletes*.

Estes são, sem dúvida alguma, os *gletes* que se fixaram entre o rio Guadiana e o rio Tinto (Hiberus) no Sul da Península. *Igletes* e *Gletes* eram povos cainetas iberos.

Scilax (IV século A. C.) não considera toda a Península habitada pelos iberos, «mas tão-só a parte ocidental dela (os primeiros da Europa...). Talvez a zona do rio Ibro ou Ebro, se não se trata do nome antigo do rio Tinto (Hiberus), na região de Huelva».

Pelo nome de iberos são tratados todos os ocidentais da Península.

Avieno, porém, coloca junto do Ebro o Monte Sacro, «designação que atesta a presença dos Iernos, Povo *oestrymnic* da Península e coloni-

NOTA — Este trabalho foi apresentado pelo seu Ilustre autor no «I Colóquio Bracarense de Estudos Suévico-Bizantinos», realizado em Braga em 1957, por iniciativa da Câmara Municipal de Braga e da Faculdade Pontifícia de Filosofia.

zador da Irlanda». Não nos restam dúvidas de que o nome de Ibéria tinha um significado étnico, primitivamente.

Qual seria? Tratar-se-ia de uma característica de tribo? Não se sabe ao certo. O que se sabe, é que foram os oestrymnios, também conhecidos pelo nome de Atlantes, ou Iberos, o povo que primeiramente teve contacto com os gregos e outros povos, que vieram pelo Mediterrâneo até ao Sul da França e Costa Oriental da Espanha.

E só assim, todos esses povos que vieram à Península, poderiam ficá-la a conhecer pelo nome de País dos Iberos ou Ibéria e do mesmo modo com o nome de *Spania* ou Hispânia se designava o País dos *Sepes* ou *Sefes*.

Com o nome de Ibéria, os escritores antigos designavam todo o país a *partir do Ródano* «e o istmo formado pelos golfos gauleses» para depois passar a ser denominado por este nome somente a Península, com o limite nos Pirenéus.

Durante o decorrer de muitos séculos, a Península foi habitada por muitos povos, sobressaindo-se os Lusitanos ⁽¹⁾ e os Romanos. Por último vieram os chamados bárbaros do Norte da Europa e Ásia.

Povos bárbaros eram, para os romanos, todos aqueles povos que viviam fora das fronteiras do Império Romano.

Como tais, contam-se os Alanos, os Vândalos, os Suevos e os Visigodos.

Os Suevos e os Visigodos são os que mais interesse têm para nós, neste nosso trabalho. Deles vamos falar depois de tratarmos da evangelização da Península, de cujo assunto desde já nos vamos a ocupar:

⁽¹⁾ Estrabão, escritor de há dois mil anos, ao descrever a Península, disse:

«...a Lusitânia, a maior parte das nações iberas e a que mais tempo lutou contra os romanos...» (111, 3, 3).

A Lusitânia verdadeira, não era nessa altura limitada ao Norte pelo Douro: ia até ao mar. Os Galegos e os Asteros eram povos seus que mais tarde foram dela separados por uma nova divisão administrativa romana.

É por este motivo que ainda hoje tantos laços nos ligam aos vizinhos do Norte do país: a identidade da raça. Os Lusitanos seriam autoctones, ou então descendentes de povos vindos do Norte de África, de Iberos ou talvez de Lígures? É tudo incertezas e hipóteses. Houve, porém, na Península, um outro povo de nome parecido — Os Lusões — que viveram a Leste, junto ao Mediterrâneo, sem terem qualquer contacto ou afinidade com a Lusitânia. Apenas se sabe pelo prefixo «lus» serem ambos de origem céltica.

Vieram dos Alpes suíços e atravessaram os Pirenéus. Um grande grupo seguiu o vale do Tejo de onde irradiou para o Norte e para o Sul, estabeleceu-se onde então veio a ser a Lusitânia. Os Lusões ficaram na costa do Mediterrâneo, embora tentassem, mais tarde, penetrar na Lusitânia, onde foram, porém, derrotados e repelidos pelos Lusitanos, que os não deixaram prosseguir.

EVANGELIZAÇÃO DA PENÍNSULA

A maioria dos historiadores são unânimes quanto à época da evangelização da Península. Muito embora faltem «testemunhas directas, supõe-se que o cristianismo chegou à Hispânica ainda na idade apostólica».

Segundo a tradição espalhada por toda a Península, os primeiros apóstolos da Hispânia foram Santiago Maior, S. Paulo e um grupo de Varões Apostólicos e ainda S. Martinho de Tours e S. Martinho de Dume.

Diz-se que Santiago, saindo da Palestina, tomou uma nau grega ou fenícia, passou pelo litoral africano, indo a desembarcar na Bética. Depois de aqui evangelizar as comunidades judaicas, Santiago esteve em algumas cidades da Lusitânia e da Tarraconense, incluindo Saragoça, onde, segundo a tradição, lhe apareceu a SS. Virgem, que ainda vivia, a pedir-lhe que erigisse um templo. O apóstolo regressou a Jerusalém, onde foi martirizado no ano 42 ou 44.

Alguns dos seus discípulos, os que o seguiram na Espanha, recolheram o seu cadáver e trasladaram-no para a Galiza ⁽¹⁾ onde ficou secretamente no lugar onde hoje fica Santiago de Compostela.

Os primeiros documentos, que se referem à transladação do corpo do Santiago e do seu sepulcro em Compostela, datam do século IX.

Santiago teve, como discípulos, S. Atanásio e S. Teodoro, cujos sepulcros apareceram sob o altar-mor da Catedral de Compostela, que é românica.

Leão XIII, pela bula *Deus Omnipotente* (1-XI-1884) declarou-os verdadeiros. Outra tradição diz que no ano 36 (muito antes de Nossa Senhora ter deixado o mundo) veio Santiago Maior à Espanha e que pregou, primeiramente, na região entre Douro e Minho — província que nesse tempo se chamava «*Toda a Galiza*».

O Apóstolo teria, então, edificado em Braga, junto a umas termas, no local onde se encontrava um templo dedicado à deusa Iris, a primeira igreja em honra de Cristo, e a segunda dedicada a Nossa Senhora, que ainda vivia, e para onde nomeou o primeiro bispo de Espanha, S. Pedro de Rates.

(1) Sobre a transladação do corpo de Santiago correu, em terras do nosso país, uma lenda Cristã sobre uma cena miraculosa passada com um régulo da Lusitânia, na antiga praia de Bouças, onde hoje se ergue a florescente vila de Matosinhos.

O facto deu origem a que se adoptasse a concha ou vieira como distintivo dos romeiros que, em peregrinação, se deslocarem ao túmulo de Santiago, e em tudo que diga respeito ao mesmo Apóstolo.

Este Bispo «tinha sido profeta da antiga lei e chamava-se *Samuel Júnior*, segundo uns, e, segundo outros, Malaquias Sênior, que tinha sido desterrado para a Espanha, com as tribus, por Nabucodonosor. Santiago, aqui, ressuscitou-o, instruiu-o e criou-o bispo, dando assim a primazia de todas as igrejas de Espanha, por ser ali onde primeiro foi pregado o evangelho».

É nesta tradição que os escritores se baseiam para afirmarem ser Braga o Primado das Espanhas. S. Pedro de Rates, além de ser o primeiro bispo de Braga, foi também o primeiro mártir, na Península.

A VINDA DE S. PAULO À ESPANHA

Na sua carta aos Romanos, no capítulo 15, versículo 24, escreve o Apóstolo: «Quando partir para Espanha irei ter convosco; pois espero que de passagem vos verei, e que lá seja encaminhado por vós, depois de ter gozado um pouco da vossa companhia».

Todos os intérpretes, católicos e protestantes, admitem que a Epistola aos Romanos foi escrita, em Corinto, por volta do ano 58.

Terá vindo, realmente, à Espanha?

Os católicos admitem tal vinda. Ter-se-ia realizado durante a quarta grande viagem do Apóstolo, entre os anos 64 e 67, após a sua libertação da primeira vez que esteve preso em Roma. Conforme já anunciara na sua carta aos Romanos, no passo acima citado, ter-se-ia dirigido, provavelmente, durante a Primavera do ano de 64, directamente à Espanha. (Dict. Vigouroux — Espagne). Tal é também a opinião de S. Clemente Romano, que, na sua carta, escrita de Roma aos fiéis de Corinto (I Cor. V) diz que S. Paulo com a sua pregação chegou até ao *termo do Ocidente*. Com esta frase um escritor romano só podia significar a Espanha, onde se collocavam as Colunas de Hércules. Também se lê no fragmento de Muratori: «partida de Paulo da Cidade para a Espanha».

A mesma afirmação se encontra em S. Atanásio, S. João Crisóstomo, S. Epifânio, Teodoreto, S. Jerónimo, S. Gregório Magno.

Eusébio Cesariense nada diz a tal respeito.

Os protestantes rejeitam de um modo geral tal vinda. Há porém alguns que a aceitam, tais como: Zahn, Kubel, Spitta, Steinmetz.

Por outro lado, parece que logo após a tal libertação, S. Paulo se tenha antes dirigido para o Oriente. É certo que projectava vir à Espanha como ele próprio escreveu aos Romanos; mas é provável que tenha posto

de parte o projecto. É o que parece deduzir-se das cartas a Filémon e aos Filipenses.

A Filémon escreve: «É juntamente prepara-me também pousada, porque espero...» (Filémon, 22). Ora, como se sabe, Filémon habitava em Colossos.

Aos Filipenses escreveu: «É tendo esta confiança, sei que ficarei e permanecerai com todos vós para proveito vosso e gozo da Fé» (Filipenses 1:25).

E no versículo a seguir: «Para que a vossa glória abunde por mim em Cristo Jesus, *pela minha nova ida a vós*» (Filip. 1:26).

É natural que o Apóstolo mudasse de opinião quanto à sua vinda à Península. Efectivamente, as notícias que lhe levara Epafras sobre as heresias judeo-gnósticas que principiavam a difundir-se em algumas igrejas da Frígia e da Ásia, os pedidos dos Filipenses, que Epafrodito tão calorosamente lhe apresentara, e, porventura por outros motivos desconhecidos, devem-no ter levado a mudar de opinião. Acrescente-se que as indicações da sua actividade, depois da libertação — indicações que se encontram nas Epístolas a Tito e a Timóteo — apenas fazem referência ao Oriente.

Por outro lado, porém, é certo que existia na Igreja de Roma uma tradição relativa à libertação do Apóstolo de um seu primeiro cativo.

Se esta tradição não tivesse existido, não se teria espalhado o rumor de que S. Paulo, uma vez libertado, se tivesse dirigido para o «termo do Ocidente» ou seja para a Espanha.

Em Idanha-a-Velha, a sucessora da importante cidade Egítânia, corre a tradição de que ele pregou na catedral da mesma cidade, o que não é de crer, pois nessa altura ainda não tinha sido criada a diocese egitaniense. Esta tradição é confirmada pelo documento que passamos a transcrever e constitui a resposta do P.^o Joaquim Martinho, pároco de Idanha-a-Velha, ao questionário do Marquês de Pombal, após o terramoto de 1755, a qual se encontrava incluída no «Dicionário Geográfico», na Torre de Tombo, F. XVIII, Pág. 45 e seg.: «Logo nos princípios da Igreja as luzes do Evangelho alomiaram a cidade de Idanha a dar copioso fruto, pois sendo-lhe anunciada a redenção do Mundo no quarto anno della por Sam Pedro de Rates (qui alquit dicat) Sam Lial logo baptizou e ordenou o Salvatto natural da mesma cidade onde o deixou presentinto, e catequizando-o aquela nova cristandade athe que ao anno de trinta e dois da morte de Christo veijo pregar a ella Sam Paulo, pondo-lhe por primeyro bispo ao mesmo Salvatto convertida já a maior parte da cidade com Xantipa e Santa Relixena irmãs e naturais da mesma e alem de outras pessoas de santidade que se sabe pellas

estórias, foi regada Idanha com o sangue de infinitos Martiriz quando a cidade Principal se empregava mais nella, nas perseguições o foror dos Cesares seus ministros».

A primeira notícia da existência do Bispado da Egitânia, do qual nos ocuparemos, detalhadamente, num segundo trabalho a apresentar neste ciclo, é nos dada pelas actas do concílio de Lugo, em 569, no pontificado de João III, presidido por S. Martinho de Dume, muito embora Silva Leal diga que neste Concílio o mesmo bispado «foy criado de novo» e que «foy dos mais antigos da Lusitânia e quanto ao distrito, a mayor de toda ellas».

Cremos que a diocese egitaniense foi criada com Teodemiro, devido à necessidade de criar mais um bispado, em vista de ser muito dilatado o seu domínio suevo e devido aos poucos bispos reunidos por ele no I Congresso de Braga.

Deste mesmo assunto, ocupar-nos-emos, como dissemos já, em outro trabalho a expor.

Ainda sobre a vinda de S. Paulo à Península, faltam-nos documentos a atestá-la, mas «a auteridade das tradições posteriores quase garantem a certeza da viagem».

O Papa Clemente, que foi quase contemporâneo deste apóstolo, dizia no ano 96 aos Coríntios, que S. Paulo veio ao «extremo ocidente» e só depois foi martirizado. Um documento, composto entre os anos de 160 a 220, conhecido pelo nome de Cânone de Muratori, fala da «partida de Paulo da Cidade (de Roma) a caminho da Espanha».

Esta afirmação do referido documento tem o apoio de outros textos e o de antigos padres da Igreja. O próprio Renan chega a afirmar «que há sérios motivos» para acreditar na realização da viagem.

A respeito desta viagem de S. Paulo, lendo as opiniões de alguns escritores, por nós arquivados no nosso «Diocese da Guarda» 1940, temos ainda a acrescentar o seguinte: O Padre Miguel de Oliveira diz que ele fizera a viagem provavelmente no ano 63.

S. Jerónimo, por sua vez, afirma-nos que a fez por mar. Outros dizem que desembarcou em Terragona ou em Cadiz.

Há quem afirme, porém, que ele atravessou os Pirenéus, dirigindo-se primeiramente a Barcelona, Toledo e Tortosa.

A nós, católico de sacramentos, acreditando piamente nas Sagradas Escrituras, não nos restam dúvidas de que o Apóstolo esteve em Portugal ou Galiza, pois no versículo 21 do Capítulo 22 dos Actos dos Apóstolos lê-se: «Et dixit ad me vade quoniam ego in nationes longe mittam te». (E ele disse-me: «Vai porque eu te enviarei as Nações de Longe», e, no versí-

culo 23... «Nunc vero ulterius locum non habens in his regionibus, cupiditatem autem habens veniendi ad vos ex multis iam precedentibus annis». (Mas agora não tenho motivo para demorar-me mais nestas Terras e desejando já muitos anos a esta parte passar a ver-vos».

Por consequência, atendendo à tradição oral ou escrita e aos textos sagrados, não nos resta a menor dúvida de que o Convertido de Damasco estivesse nas terras ocidentais das Hispânicas, e aqui pregou a boa nova, isto é, o Evangelho de Cristo e lançou, na futura Terra de Santa Maria, a semente do Cristianismo.

Após a estada de S. Paulo na Península vieram às Espanhas os chamados = *Varões Apostólicos* = enviados, segundo a tradição, por S. Pedro e S. Paulo, no tempo de Nero, «para pregar, fundar igrejas e regular o culto e a disciplina». Eram 7, o número desses varões, e todos eles cingiram a Mitra episcopal ⁽¹⁾. Foram eles: S. Torcato, de Guadix (Cadiz); S. Cecílio, de Elvira, junto de Granada; S. Eufrásio, de Iitúrgis, junto de Andújar; S. Indalécio de Urci, perto de Vere; S. Tesifonte, de Berja, em Almeria; S. Hesíquio, de Larcesa, perto de Cieza; S. Segundo, de Abula, provavelmente a actual Abila de Almeria. Esta tradição é confirmada por modernos historiadores espanhóis que se baseiam em textos desde o século VI «alguns são de indiscutível autoridade».

No século III, o progresso da evangelização da Península tomou tal incremento que Santo Ireneu, em 180, já invocava contra os herejes o testemunho das igrejas da «Ibêria». No ano 202 Tertuliano, dirigindo-se procônsul Escápula, disse: que a conquista cristã se estendera a todos os confins da Espanha (*Hispaniarum Omnes Termini*). Neste tempo (séc. III) já a Igreja nos aparece «regularmente constituída, desenvolvida a consciência cristã em ligação com a Santa Sé os bispos peninsulares», se bem que ainda não havia em Espanha metropolitas e nem províncias eclesiásticas. Estas só apareceram com Constantino.

O século IV foi já glorioso para a Igreja de Espanha, pois em 15 de Maio do ano 300 ou 303, efectuou-se já na Igreja de Hibris, depois Elvira, junto de Granada, um concílio a que assistem 19 bispos e 24 presbíteros, de 40 dioceses, muitos diáconos e fiéis. Três dos bispos presentes eram da Lusitânia: Libério, de Mérida; Vicente, de Ossoyoba; e Quinciano, de Évora.

(1) No número dos varões apostólicos, autores há que incluem também S. Pedro de Rates, que, como já dissemos, foi o 1.º Bispo de Braga, e S. Moncio ou Marcos que pregou em Évora, a capital da Lusitânia, no tempo de Sertório.